

**SÍMBOLOS DE ESTABILIDADE: ANÁLISE DAS EVIDÊNCIAS  
EPIGRÁFICAS DE *LEPCIS MAGNA* DURANTE A CRISE  
AUSTURIANA**

SYMBOLS OF STABILITY: ANALYSIS OF EPIGRAPHIC EVIDENCE  
FROM *LEPCIS MAGNA* DURING THE AUSTURIAN CRISIS

Yuri Augusto de Oliveira<sup>1</sup> 0000-0002-0005-256X

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia, Salvador, Brasil, yuriyao@outlook.com

**Resumo:**

Este artigo examina as inscrições epigráficas e a dedicação de estátuas em Lepcis Magna durante a crise austuriana, focando na figura do vigário Antoninus Dracontius e na manipulação política associada a essas dedicações. A crise austuriana, marcada por ataques das tribos austurianas e por uma administração conturbada liderada pelo conde Romanus, provocou uma série de respostas e manobras políticas. Este estudo ilustra como estratégias diplomáticas e propagandísticas foram empregadas para afirmar a estabilidade e o prestígio durante crises significativas na administração romana.

**Palavras-chave:** crise austuriana; *Lepcis Magna*; Antoninus Dracontius; inscrições epigráficas; manipulação política.

**Abstract:**

This article examines epigraphic inscriptions and the dedication of statues in Lepcis Magna during the Austurian crisis, focusing on the figure of Vicar Antoninus Dracontius and the political manipulation associated with these dedications. The Austurian crisis, marked by attacks from the Austurian tribes and a troubled administration led by Count Romanus, prompted a series of responses and political maneuvers. This study illustrates how diplomatic and propagandistic strategies were employed to assert stability and prestige during significant crises in Roman administration.

**Keywords:** austurian crisis; *Lepcis Magna*; Antoninus Dracontius; epigraphic inscriptions; political manipulation.

## Introdução

A crise austuriana, que se desenrolou entre os anos de 363 e 376, marcou um período turbulento na história da Tripolitânia, particularmente para a cidade de Lepcis Magna. Durante essa crise, a região enfrentou uma série de invasões devastadoras

## **Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas de lepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

perpetradas pelas tribos austurianas e que foram exacerbadas pela corrupção administrativa e pelas disputas internas entre as autoridades romanas. A complexidade desses eventos se reflete nas práticas políticas da época, com a cidade lutando para manter a ordem e a lealdade ao Império Romano em um contexto de crescente instabilidade.

O vigário da África, Antoninus Dracontius, e o conde Romanus desempenharam papéis significativos durante esse período. Uma análise das inscrições dedicadas a Valentiniano e Valente oferece uma visão crucial sobre a dinâmica política e social da época. As dedicações, com seus epítetos grandiosos e referências à justiça divina e à paz romana, foram possivelmente utilizadas para criar uma fachada de normalidade e fidelidade à corte imperial, enquanto a realidade local estava longe de ser pacífica.

Desse modo, examinamos o contexto histórico e político de Lepcis Magna a partir de inscrições dedicadas ao poder imperial. Assim, as referências aos imperadores foram analisadas à luz das dificuldades enfrentadas pela cidade e da relação tensa entre municipalidades e autoridades da diocese local. Ao explorar as evidências disponíveis e as hipóteses propostas, busca-se entender se as homenagens foram uma estratégia para suavizar a percepção da crise ou uma tentativa genuína de estabelecer boas relações com a corte imperial. Além disso, é crucial considerar a falta de registros de julgamentos contra Dracontius e a contínua comunicação administrativa com Valentiniano e Valente, o que pode sugerir uma motivação mais pragmática por trás das dedicações.

### **A inscrição: IRT, 472.**

Realizamos um estudo sobre uma inscrição localizada sobre uma base monolítica de estátua, em mármore moldado, dedicada a Valentiniano e Valente. A base é composta por um pedestal articulado com um fuste espesso e um fuste alto e reto, seguido por um toro fino e um pedestal. Os moldes são sensivelmente projetados e precisamente formados, com boa plasticidade nas partes curvas. Descoberta no Pórtico Norte do Fórum Severiano de Lepcis Magna, suas dimensões são 1 metro de largura, 1,55 metro de altura e 1 metro de comprimento. O texto está gravado em um lado dentro de um painel medindo 0,47 cm de largura e 0,64 cm de altura. Esse lado já teve duas inscrições anteriores, com vestígios da segunda visíveis em uma coroa de louros no canto superior direito. O texto é composto por letras maiúsculas do século IV da nossa era e contém pontos de interrupção

**Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas  
de lepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

e uma folha gravada no final; além disso, as dimensões das letras variam de 0,04 cm a 0,05 cm. As letras são retangulares, marcadas por traços arredondados, finos e pouco profundos. As letras E, F e L são alongadas e estilizadas, com os cantos superiores adornados por traços curvos na interseção dos fustes, enquanto as extremidades dos fustes geralmente têm traços finos horizontais, às vezes ligeiramente curvados (TANTILLO, 2010, p. 329-330). Além disso, a declaração possui pontos sobre as palavras-chave e para indicar as abreviações relacionadas aos nomes imperiais<sup>1</sup>.

Além disso, essa base está associada a outra base, cuja inscrição é a IRT 473<sup>2</sup>, também dedicada a Valentiniano e Valente, e com dimensões ligeiramente menores. A comparação entre as duas bases sugere que a base da inscrição IRT 472 pode ter servido de suporte para a estátua dedicada ao augusto mais velho, Valentiniano, enquanto a outra teria sido destinada a Valente (TANTILLO, 2010, p. 330). Além das duas estátuas dedicadas a Valentiniano e Valente em Lepcis Magna, um outro par de estátuas também foi erguido em Sabratha em homenagem aos mesmos imperadores. No entanto, as homenagens em Sabratha têm indicações precisas dos imperadores homenageados, com a IRT 57<sup>3</sup> sendo uma homenagem a Valentiniano e a IRT 58<sup>4</sup> sendo uma homenagem a Valente (TANTILLO, 2010, p. 330).

A inscrição foi transcrita, desenvolvida e traduzida das seguintes maneiras:

IVSTITIA PARITER AC\*  
PIETATE CAELESTIBVS ADQ\*  
ROMANAE FELICITATIS PERPE  
TVIS FVNDATORIBVS\*D\*D\*NN\*  
VALENTINIANO ETVALENTI

---

<sup>1</sup> CTh 1, 15, 5; CTh 8, 4, 10; CTh 10, 1, 10; CTh, 11, 1, 10; CTh, 11, 1, 11; CTh 11, 1, 13; CTh 11, 1, 16; CTh 11, 1, 17; CTh 11, 7, 9; CTh 11, 30, 33; CTh 12, 6, 9; CTh 12, 7, 3; CTh 13, 6, 4.

<sup>2</sup> *Iustitia pariter ac / pietate caelestibus ad/que Romanae felicitatis / perpetuis fundatorib(us) dd(ominis) / nn(ostris) Valentiniano et Valen/ti victoriosissimis prin/cipibus ac totius orbis / Augg(ustis) Antonius Dracon/tius v(ir) c(larissimus) ag(ens) vic(es) praef(ectorum) praeto/rio per Africanas provin/cias numini et maiestati / eorum semper dicatissi/mus* (IRT, 473).

<sup>3</sup> *Iustitia pariter ac / pietate caelesti adq(ue) / Romanae felicitatis / perpetuo fundatori / d(omino) n(ostro) Valentiniano vic/toriosissimo ac totius / orbis Aug(usto) Antonius / Dracontius v(ir) c(larissimus) agens / vicem praefectorum prae/torio per Africanas pro/vincias Numini et / maiestati eius semper / dicatissimus* (IRT, 57).

<sup>4</sup> *Iustitia pariter ac pieta/te caelesti adq(ue) Romana[e] / felicitatis perpetuo / fundatori d(omino) n(ostro) / Valenti victori/osissimo ac totius or/bis Augusto / Antonius Dracon/tius v(ir) c(larissimus) agens vicem / praefectorum prae/torio per Africanas / provincias numini e[t] / maiestati eius semper dic[a]/tissimus* (IRT, 58).

**Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas  
de Iepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

VICTORIOSISSIMIS PRINCIPI  
BVS AC TOTIVS ORBIS\*AVG\*G  
ANTONINVS DRACONTIVS\*V\*C\*  
A\*G\*VIC\*PRAEF\*PRAETORIO PER  
AFRICANAS PROVINCIAS NI  
MINI ET MAIESTATI\*EORVM  
SEMPER DICATISSIMVS ☛

Desenvolvimento:

*Iustitia pariter ac / pietate caelestibus ad(que), / Romanae felicitatis perpe/tuis  
fundatoribus, dd(ominis) nn(ostris) / Valentiniano et Valenti, / uictoriosissimis  
principi/bus ac totius orbis Augg(ustis), / Antoninus Draconstius, v(ir) c(larissimus), /  
ag(ens) u(ices) praef(ectorum) praetorio per / Africanas prouincias, nu/mini et maiestati  
eorum / semper dicatissimus.*

Tradução:

"Aos divinos, tanto pela justiça quanto pela piedade, fundadores perpétuos da felicidade romana, nossos senhores Valentiniano e Valente, príncipes muito vitoriosos e augustos de todo o mundo, Antoninus Draconstius, homem claríssimo, exercendo as funções de vice-prefeito do pretoriano nas províncias africanas, sempre com o maior devotamento à sua potência divina."

Foi identificado que o termo "*nimini*" é, na verdade, "*numini*", ou seja, "*numen*" no dativo singular. Também é notável que o termo "*caelestibus*" seja usado como uma variante de "*diuinus*", o que é incomum na epigrafia imperial (TANTILLO, 2010, p. 331). Quanto aos termos "*Totius orbis Augustis*", eles podem ser encontrados na epigrafia de

**Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas  
de Lepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

Juliano e em uma dedicatória feita por Antoninus Dracontius, ao lado da ordem de Furnos Minus<sup>5</sup>, em homenagem a Valentiniano<sup>6</sup>.

O nome de Dracontius aparece em oito inscrições africanas. Duas são dedicadas a Valentiniano e Valente em Lepcis Magna<sup>7</sup>, duas outras em Sabratha<sup>8</sup>, uma inscrição encontrada em Cirta, em honra de Graciano, o Velho<sup>9</sup>, outra descoberta em Furnos Minus, dedicada a Valentiniano<sup>10</sup>, uma outra fragmentada<sup>11</sup> encontrada sob escombros, possivelmente causados por um terremoto<sup>12</sup>, em Thabborra<sup>13</sup>, e a última foi descoberta no Fórum Severiano em Lepcis Magna<sup>14</sup>. Embora as lacunas não permitam saber se Dracontius foi responsável pelas dedicatórias dos fragmentos, o conteúdo da inscrição, que menciona o vice dos prefeitos, bem como o fato de que ela aparentemente foi gravada pelo mesmo lapidário das inscrições IRT, 472 e IRT, 473, indicam que ele pode ter encomendado as inscrições. Além disso, existe uma abundante documentação sobre Dracontius, que recebeu várias constituições imperiais.

A inscrição remonta ao período de 28 de março de 364 a 25 de agosto de 367, correspondente ao mandato de Antoninus Dracontius. Segundo a literatura jurídica,

---

<sup>5</sup> A cidade pelerina, situada a 45 km a oeste de Cartago, foi designada por Caracala como *municipium Aurelium Antoninianum Furnitanorum Minorum*. Sob o procônsulado de Júlio Festus Hymetius, a ordem de Furnos Minus, em colaboração com Antoninus Dracontius, prestou homenagem a Valentiniano com uma estátua (LEPELLEY, 1981, pp. 110-111).

<sup>6</sup> *Clementissimo / principi, ac to/tius or[bi]s Aug(usto), / [d(omino)] n(ostro) Valentini/[a]no, procons(ulatu) / [I]ul(i) Festi, v(iri) c(larissimi), simul / cum Antonio Dra/contio, v(iro) c(larissimo), ag(ente) v(ices) p(raefectorum) p(raetorio), / ordo Furnita/nus consecravit.* (CIL, VIII, 14572).

<sup>7</sup> IRT, 472 et IRT, 473.

<sup>8</sup> IRT, 57 et IRT, 58.

<sup>9</sup> *[Memoria]e felic[issimae] / [viro at]que per omn[ia] saecula / [ce]lebrando Gra[tiano patri] / dd(ominorum) principumque [nostrorum] / Valentiniani et V[alentis no]bilium ac triumphat[orum semper Au]gustorum iuxta C[apitolium(?)] / statuam dedicav[it Antonius] / Dracontius v(ir) c(larissimus) [ag(ens) vic(es) praef(ecti) pr(aetorio)] / [p]er Africanas [provincias] / curante Valerio / v(iro) e(gregio) sacerdotale* (CIL, VIII, 7014).

<sup>10</sup> CIL, VIII, 14572.

<sup>11</sup> *[- - -]mis beatissimis[ue temporis] / [- - -]Valentini et Valentis M[aximorum principum] / [ege]stacongeriesrud[erum - - -] / [agente pro pra]eff(ecto) per Africam [- - -] / [- - -] curante [...]* (CIL, VIII, 22830).

<sup>12</sup> FAREH, H. Maux et fléaux en Byzacène (146 av. J.-C. / 698 ap. J.-C.). In: Byzacium, Byzacène, Muzaq: Occupation du sol, peuplement et modes de vie ( Actes du 6e colloque ). Sousse, 2021. p. 397-423.

<sup>13</sup> Thabborra era uma cidade de origem púnica situada no extremo oeste da planície de Fahs (LEPELLEY, 1981, p. 170).

<sup>14</sup> *[...][c(larissimo)] u(iro) ag(enti) uic(es) praef(ectorum) praet(orio) per / Africanas prouincias / Lepcimagnensis ordo et po/pulus ut incomparabilium be/neficiozum eius / memoria eti/am ad posteros mitteretur / praeter kospitale[m] teceram / etiam statuam marmoream / constituendam esse duxerunt ut / seruati moderatione iudicior(um) eiq(ue) / ac multis tempestat[ibus] / TORI-----* (IRT 558).

**Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas  
de lepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

nomeadamente o Código de Teodósio, 11, 7, 9<sup>15</sup>, e o Código de Teodósio, CTh, 11, 1, 16<sup>16</sup>, Draconstius foi vicário da África entre 13 de maio de 364 e 25 de outubro de 367. No entanto, é possível que ele tenha sido nomeado vicário já em 363, como sugere Tantillo (TANTILLO, 2010, p. 331), uma vez que a última constituição endereçada a seu predecessor, Claudius Auitianus<sup>17</sup>, data de 18 de março de 363<sup>18</sup>. Além disso, a data proposta corresponde à nomeação de Flavius Valens em 28 de março de 364 e precede a nomeação de Graciano em 25 de agosto de 367, como mostra a ausência de homenagens dirigidas a ele nas inscrições (TANTILLO, 2010, p. 331).

Lepcis Magna, o local onde a base foi descoberta, é designada sob o nome de Lepcis Magna nas fontes manuscritas. É a maior cidade da Tripolitânia. Fundada pelos fenícios, tornou-se uma cidade importante durante o primeiro milênio antes de Cristo. Após a segunda guerra púnica, passou para o controle de Massinissa. Em 111 a.C., Lepcis Magna obteve o status de *Ciuitas Foederata* de Roma, mas esse status foi revogado por César em 46 a.C., como punição por ter apoiado as forças pompeianas. Isso resultou na imposição de uma multa anual em azeite de oliva à cidade, o que levou a um grande desenvolvimento agrícola local. Em 23 a.C., Lepcis Magna, assim como a Tripolitânia, foi integrada à província procônsular da África (LEPELLEY, 1981, p. 335).

A cunhagem de moedas locais durante os governos de Augusto e Tibério indica que a cidade havia retornado a um certo nível de privilégio. Duas inscrições indicam que a cidade foi elevada ao status de município durante a época flaviana e, sob Trajano, Lepcis Magna tornou-se a Colônia Ulpia Traiana Fidelis Lepcis Magna, com 8 das 11 curias recebendo nomes relacionados à família imperial (LEPELLEY, 1981, p. 335-336). Após Septímio Severo tornar-se imperador em 193, a cidade experimentou um desenvolvimento significativo, obtendo o precioso *Ius Italicum*. No entanto, após a queda

---

<sup>15</sup> *Imp. Valentinianus et Valens aa. ad Dracontium vicarium Africae. / Ducenarios ab exactione provincialium secundum constitutionem sacrae memoriae Constantii probabilis sinceritas tua iubebit arceri. / Dat. III id. mai. Hadrianopoli, acc. VIII kal. octob. Karthagine divo Ioviano et Varroniano cons. (364 mai. 13) (CTh 11.7.9).*

<sup>16</sup> *Idem aa. ad Dracontium. / Provinciales nostri tributa fiscalia per anni curriculum tripertita satisfactioe restituant. / Dat. VIII kal. nov. Nicomediae post cons. Gratiani a. et Dagalaifi. (367 oct. 25) (CTh 11.1.16).*

<sup>17</sup> Vicário da África de 362 a 363, que em 365 denunciou desvio de fundos contra o prefeito do pretoriano Marmetinus (PLRE I, pp. 126-127, Avitianianus 2).

<sup>18</sup> *Imp. Iulianus a. ad Avitianum vicarium Africae. / Excepto auro et argento cuncta reliqua indulgemus. / Dat. VII kal. nov. Antiochiae, acc. XV kal. april. Karthagine Iuliano a. IIII et Sallustio cons. (363 mar. 18) (CTh – 11.28.1).*

**Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas  
de Lepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

da dinastia severiana em 235, a cidade enfrentou meio século de dificuldades, como evidenciado pela escassez quantitativa de inscrições durante esse período (LEPELLEY, 1981, p. 336).

Levando em consideração a datação, podemos entender que essas estátuas foram erigidas durante um período turbulento em Lepcis Magna. Trata-se da crise austuriana, um evento que ocorreu entre 363 e 376, cujas incursões se tornaram graves entre agosto e outubro de 363 (ROMANELLI, 1959, p. 567). A isso se somam as intrigas do conde Romanus e as relações conturbadas com o poder central (LEPELLEY, 1981, p. 354-364; TANTILLO, 2010, p. 331).

### **Contexto Histórico da Crise Austuriana**

O livro XXVIII das *Res Gestae* de Amiano Marcelino fornece informações sobre o contexto em que Lepcis Magna se encontrava no momento em que as homenagens foram prestadas a Valentiniano e Valente. Provavelmente, a fonte de Amiano Marcelino era Virius Nicômaco Flaviano<sup>19</sup>, vicário da África em 377. Nicômaco Flaviano, junto com o procônsul Hesperius<sup>20</sup>, investigou esses eventos e redigiu um relatório isentando a cidade. Essa ação mobilizou a cidade em agradecimento, nomeando Nicômaco Flaviano como patrono de Lepcis Magna, e uma estátua foi erguida em sua honra (IRT, 475), dedicada pelo ordo *fidelis et innocens* (PLRE I, p. 347, Flavianus 15; LEPELLEY, 1981, p. 354).

Sabemos que Antoninus Draconstius foi vicário a partir de 364 ou, como sugerido por Tantillo (2010, p. 331), talvez a partir de 363, até 367. Este período corresponde a uma parte do contexto extremamente tumultuado de Lepcis Magna. Os eventos eclodiram

---

<sup>19</sup> Virius Nicômaco Flaviano, filho de Volusius Venustus e avô de Appius Nicômaco Dexter, era membro de uma família senatorial. Ele foi cônsul da Sicília entre 364 e 365, enquanto Symmachus era prefeito. Foi vicário da África em 377, questor *intra palatium* entre 389 e 390, e prefeito do pretoriano na Itália, na Ilíria e na África entre 390 e 394 (PLRE I, pp. 347-349, Flavianus 15).

<sup>20</sup> Decimus Hilarianus Hesperius, filho do poeta Decimus Magnus Ausonius, foi procônsul da África entre 376 e 377, período durante o qual investigou o escândalo de Lepcis Magna. Ele foi prefeito do pretoriano da Gália em 378 e, após a aposentadoria de Claudius Antonius da prefeitura do pretoriano da Itália, tornou-se prefeito do pretoriano da Itália e da Gália, entre 378 e 379. É possível que sua jurisdição tenha sido ampliada para incluir a Itália, a Ilíria e a África. Em 379 e 380, Hesperius foi prefeito do pretoriano da Itália e da África. Em 384, ele era *vir clarissimus e inlustris*, e conde, e foi enviado a Roma para tratar de assuntos públicos durante a prefeitura de Symmachus (PLRE I, pp. 427-428, Hesperius 2).

**Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas  
de lepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

sob o governo de Joviano. A partir de 363, uma confederação de tribos, os austurianos<sup>21</sup>, atacou Lepcis Magna para vingar a execução de um de seus membros (LEPELLEY, 1981, p. 354). Segundo Amiano Marcelino, os austurianos chegaram às muralhas da cidade, estabeleceram-se nas redondezas durante três dias, massacraram os camponeses, pilharam massivamente a região e incendiaram o que não puderam levar. Além disso, Amiano Marcelino destaca que os austurianos capturaram o primeiro dos decuriões, Silva (Amm. Marc. XXIII, 6.4).

Os lepcitanos solicitaram a proteção do conde local, Romanus<sup>22</sup>, que condicionou a resposta ao fornecimento de recursos para as tropas e à entrega de 4.000 camelos equipados (Amm. Marc. XXIII, 6.5; LEPELLEY, 1981, p. 355). No entanto, as perdas causadas pelos ataques tornaram impossível atender às exigências de Romanus, e o conde partiu sem tomar nenhuma medida (Amm. Marc. XXIII, 6.6). Segundo Romanelli, é possível que o pedido de Romanus tenha sido um pretexto para disfarçar sua intenção de permanecer inativo diante da crise em curso (ROMANELLI, 1959, p. 568).

Durante sua reunião anual, o conselho provincial decidiu enviar dois embaixadores ao Imperador Valentiniano, Severus e Flaccianus, para informá-lo sobre a destruição sofrida pela província (Amm. Marc. XXIII, 6.7; LEPELLEY, 1981, p. 355). Segundo Romanelli, essa reunião pode ter ocorrido no início do verão de 364. Foi a primeira vez que a assembleia se reuniu desde a ascensão de Valentiniano ao poder, e eles tiveram que decidir quais homenagens enviar ao Imperador, optando pelo envio de imagens douradas da Vitória, bem como pelas trágicas notícias dos males que afligiam a Tripolitânia (Amm. Marc. XXIII, 6.7; LEPELLEY, 1981, p. 355).

Romanus, informado do envio da embaixada, enviou o *magister officiorum*, Remigius<sup>23</sup>, cúmplice e parente, para influenciar o imperador a decidir confiar a

---

<sup>21</sup> População indígena que viveram nas vastas regiões desérticas ao sul da Tripolitânia e da Síria (ROMANELLI, 1959, p. 566).

<sup>22</sup> Conde da África entre 364 e 373 (PLRE I, p. 768, Romanus 3).

<sup>23</sup> Remigius foi *numerarius* de Silvanus na Gália em 355 e, após a queda de Silvanus, foi interrogado sob acusações de desvio de fundos na Gália. Ele também foi *magister officiorum* do Ocidente entre 367-371/2, período durante o qual defendeu Romanus, que era seu parente por casamento, contra as queixas dos africanos e seu apoio, em 368, contra a delegação da Tripolitânia. Em 370, reprimiu as reivindicações de Firmus e apoiou os relatórios opostos de Romanus. Em 371/2, foi substituído por Leo próximo a Magnotiacum, perto de sua cidade natal. Em seguida, suas ações foram expostas por Maximus e ele se enforcou. Segundo Amiano Marcelino (XXX, 8.2), ele costumava distrair Valentiniano das notícias sobre as incursões bárbaras (PLRE I, p. 763, Remigius).

**Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas  
de lepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

investigação ao vicário da África e a ele mesmo (Amm. Marc. XXIII, 6.8; LEPELLEY, 1981, p. 355; ROMANELLI, 1959, p. 569). Valentiniano, confrontado com informações contraditórias, prometeu uma investigação aprofundada. No entanto, os austurianos atacaram novamente Lepcis Magna, Oea e provavelmente Sabratha, antes que as investigações pudessem ser realizadas (ROMANELLI, 1959, p. 570). Essas incursões austurianas resultaram na morte de muitos membros da ordem dos decuriões (Amm. Marc. XXIII, 6.8-10; ROMANELLI, 1959, p. 570).

Segundo Le Bohec, essa segunda onda de ataques ocorreu em 365 (LE BOHEC, 2005, p. 201). Romanelli, por sua vez, adota uma interpretação mais cautelosa, argumentando que a segunda onda de ataques pode ter ocorrido após setembro de 365, uma vez que Amiano Marcelino nos relata que Valentiniano estava na Gália quando a embaixada foi enviada para atualizar os relatórios sobre os eventos. Considerando a partida de Valentiniano para a Gália em setembro de 365 e o tempo que ele passou lá, Romanelli sugere que a segunda onda de ataques ocorreu entre dezembro de 365 e os primeiros meses de 366 (ROMANELLI, 1959, p. 571).

Uma terceira incursão ocorreu em 366, segundo Romanelli, até o verão de 366 (ROMANELLI, 1959, p. 573). Nesse momento, os austurianos invadiram os campos, saqueando colheitas, árvores frutíferas e vinhedos, sitiando Lepcis Magna e assassinando notáveis (Amm. Marc. XXIII, 6.13-15; LEPELLEY, 1981, p. 356; ROMANELLI, 1959, p. 573). Como a primeira embaixada ainda não havia retornado, decidiram enviar uma nova embaixada, composta por Jovinus e Pancratius. Esta nova embaixada encontrou a primeira embaixada a caminho e descobriu que esta última havia sido enviada de volta para que o assunto fosse examinado pelo vicário e pelo conde (Amm. Marc. XXVIII, 6.16; LEPELLEY, 1981, p. 356; ROMANELLI, 1959, p. 573).

Jovinus e Pancratius seguiram para a Gália, onde estava Valentiniano. Após esses eventos, Palladius<sup>24</sup>, enviado por Valentiniano, chegou à África e recebeu, por meio de Romanus, uma quantia de fundos públicos dos comandantes militares orientados pelo conde Romanus (Amm. Marc. XXVIII, 6.17; LEPELLEY, 1981, p. 356, ROMANELLI, 1959, p. 574). Palladius, após ouvir os membros eminentes de Lepcis Magna, Erecthius

---

<sup>24</sup> Palladius era um tribuno e um enviado notável na África por Valentiniano por volta de 365/6. Após a descoberta de documentos comprometendo-o, foi convocado ao tribunal para responder às acusações, mas acabou se suicidando (PLRE I, p. 659-660, Palladius 10).

**Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas  
de lepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

e Aristomenes, acusou o conde Romanus de permanecer inativo diante dos males ocorridos na Tripolitânia e ameaçou denunciá-lo ao imperador. No entanto, Palladius foi persuadido por Romanus quando confrontado com o fato de que havia sido corrompido pelos comandantes militares. Desse modo, Palladius foi forçado a se tornar cúmplice de Romanus (Amm. Marc. XXVIII, 6.19-20; LEPELLEY, 1981, p. 356; ROMANELLI, 1959, p. 574).

Assim, Valentiniano recebeu testemunhos contraditórios sobre a Tripolitânia. O embaixador Jovinus o informou das dificuldades enfrentadas pela Tripolitânia, enquanto Palladius sustentou que a província não tinha razões para se queixar, acusando os tripolitanos de mentir (LEPELLEY, 1981, p. 356). Diante disso, Valentiniano decidiu enviar os dois homens de volta a Lepcis Magna para conduzir uma nova investigação em colaboração com o vicário e para punir os cidadãos que haviam falado em favor da cidade com Palladius. Eles foram condenados a ter a língua cortada devido às acusações de calúnia e falso testemunho feitas por Palladius (Amm. Marc. XXVIII, 6.20; LEPELLEY, 1981, p. 356; ROMANELLI, 1959, p. 574).

Então, ocorre uma reviravolta na situação. Os lepcitanos rejeitaram os legados que haviam sido enviados anteriormente. Na época, Jovinus e Palladius estavam em Lepcis Magna com o vicário e um enviado de Romanus, Caecilius. Os notáveis lepcitanos, incitados por Caecilius, acusaram Jovinus, afirmando que não o haviam enviado como embaixador. Para se salvar, ele alegou ter mentido ao imperador (Amm. Marc. XXVIII, 6.21; LEPELLEY, 1981, p. 357; ROMANELLI, 1959, p. 575). O imperador, por sua vez, condenou Jovinus, o governador da Tripolitânia, Ruricius, e três notáveis locais à pena capital (Amm. Marc. XXVIII, 6.22; LEPELLEY, 1981, p. 357; ROMANELLI, 1959, p. 575).

Após esses eventos, em 371, ocorreu a rebelião das tribos africanas na Mauritânia, liderada por Firmus<sup>25</sup>. As razões para o início da rebelião não são claras, mas as fontes concordam em um ponto: Firmus reagiu aos abusos de Romanus. Segundo Amiano Marcelino, Romanus, com a ajuda de seu amigo e parente Remígio, agiu para impedir que Firmus se comunicasse com a corte imperial para tratar de questões relacionadas à

---

<sup>25</sup> Firmus, filho de Nubel e irmão de Zammac, era um mouro que fez protestos à corte imperial devido aos abusos de Romanus e liderou a rebelião das tribos africanas. Ele foi aclamado Augusto pelos militares, recebendo a púrpura, e foi reconhecido em Calama. A rebelião começou em 372/3 e terminou em 374/5. Após ser derrotado por Teodósio, Firmus cometeu suicídio (PLRE I, p. 340, Firmus 3).

**Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas  
de lepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

sucessão ao poder na Mauritânia, bloqueando as possibilidades de defesa sobre a morte de Zammac. Temendo ser tratado como um rebelde, Firmus se revoltou para garantir sua legítima defesa (Amm. Marc. XXIX, 5.2-3). Zósimo apresenta uma versão diferente das motivações dessa rebelião. Segundo Zósimo, a revolta ocorreu porque os africanos não suportavam a avariza de Romanus e o acusavam de enriquecer ilicitamente por meio da cobrança de impostos extraordinários (Zos. IV, 16.3; PLRE I, p. 768, Romanus 3). Essa rebelião levou Valentiniano a enviar Teodósio, o pai do futuro imperador, para a Tripolitânia. Teodósio pôs fim à rebelião em 374/5 e descobriu uma carta comprometedoras endereçada a Palladius nos arquivos de Romanus (Amm. Marc. XXVIII, 6.26; LEPELLEY, 1981, p. 358; ROMANELLI, 1959, p. 576).

Valentiniano faleceu em 375 e Gratiano decidiu esclarecer os eventos por meio de uma investigação supervisionada pelo procônsul Hesperius e pelo vicário Nicomachus Flavianus. O conselheiro de Romanus, Caecilius, foi forçado a admitir sob tortura que havia sido incitado por Romanus a persuadir os notáveis de Lepcis Magna e a rejeitar os embaixadores que haviam sido enviados, com o objetivo de enganar o imperador (Amm. Marc. XXVIII, 6.28; LEPELLEY, 1981, p. 358; ROMANELLI, 1959, p. 576). No entanto, Romanus e Caecilius levaram o caso ao tribunal imperial em Milão e, com o apoio de Flávio Merobáudes<sup>26</sup>, foram absolvidos (Amm. Marc. XXVIII, 6.29; LEPELLEY, 1981, p. 358).

Os habitantes de Lepcis Magna expressaram sua gratidão erigindo estátuas em honra daqueles que lhes prestaram justiça, cujas bases apresentavam inscrições relacionadas ao evento. Foram homenageados o vicário da África, Nicomachus Flavianus, o procônsul Hesperius, o conde Flávio Victorianus<sup>27</sup>, sucessor de Romanus, e o governador da Tripolitânia, Flávio Vivius Benedictus. A inscrição em honra de Nicomachus Flavianus foi dedicada pela ordem fiel e inocente, provavelmente em resposta às acusações às quais os decuriões de Lepcis Magna haviam sido submetidos nos anos anteriores.

---

<sup>26</sup> Flávio Merobáudes, cujo nome sugere uma origem germânica, era um oficial do exército de Juliano em 363 e escoltou o corpo do imperador para o funeral em Tarse. Ele serviu como *Magister Peditum* em 375 e como cônsul ordinário em 377 e cônsul *sufecto* em 383. Merobáudes foi nomeado cônsul por Máximo antes da ruptura com Teodósio, mas cometeu suicídio após a ruptura, pouco antes das cerimônias consulares (PLRE I, pp. 598-599, Merobáudes 2).

<sup>27</sup> Comes Africae 375/8 (PLRE I, p. 1118, Fl. Victorianus 2).

## **Análise da Inscrição**

É possível observar que, ao destacar certos elementos do relato de Amiano Marcelino, o autor coloca a população de Lepcis Magna entre os ataques bárbaros de um lado e a corrupção e hostilidades militares do outro, assim como a agressividade do imperador militar. Assim, Amiano Marcelino expõe claramente seus princípios. O autor exalta os vícios de seus adversários e enfatiza a gravidade de suas ações, posicionando-se firmemente contra qualquer tipo de arbitrariedade cometida pelos oficiais militares. Segundo Lepelley, a fonte de Amiano Marcelino provém dos círculos senatoriais, o que alinha sua perspectiva com uma visão solidária da aristocracia senatorial e municipal (LEPELLEY, 1981, 361). No entanto, é importante destacar que as evidências arqueológicas e epigráficas corroboram seus relatos sobre as incursões austurianas (ROMANELLI, 1959, p. 577).

Outro aspecto interessante diz respeito às seguintes questões: Antoninus Dracontius agiu em conluio com Romanus? Esta inscrição poderia fornecer pistas sobre o papel de Dracontius durante a crise austuriana? Algumas hipóteses foram consideradas na análise do contexto da inscrição. Por exemplo, é possível que a inscrição tenha sido dedicada após a reunião do conselho municipal de 364, sendo a primeira assembleia realizada após a nomeação de Valentiniano e Valente. É plausível que a ocasião da homenagem tenha sido essa reunião, o que poderia explicar a ausência de menção ao conselho municipal na dedicatória da inscrição, visto que o conselho municipal decidiu homenagear a corte imperial com imagens douradas da Vitória, o que explicaria por que Antoninus Dracontius aparece sozinho como dedicante. Nesse caso, a dedicatória teria sido realizada em 364 ou em 365.

Também é possível que as dedicações tenham sido encomendadas por Dracontius após a ascensão de Valente, posterior a 28 de março de 364, com o objetivo de prestar as primeiras homenagens aos imperadores recém-nomeados, de modo a atuarem como um meio de manter boas relações com a corte imperial.

Outra hipótese possível, a qual aderimos, é que essa estátua tenha sido erigida ao mesmo tempo que a estátua dedicada por Dracontius a Furnos Minus. Sabe-se que a

**Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas  
de lepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

estátua de Furnos Minus foi erigida durante o proconsulado de Julius Festus Hymetius<sup>28</sup>, proconsul entre 366 e 368, e dedicada por Dracontius. Portanto, a dedicação a Furnos Minus pode ser datada entre 366 e, talvez, até 24 de agosto de 367, antes da nomeação de Gratiano. Se as estátuas foram dedicadas nesse período, após a segunda, ou até mesmo a terceira, incursão dos Austurianos, é possível, dada a gravidade da crise e a implicação de Romanus, que elas tenham tido o objetivo de encobrir os conflitos ocorridos em Lepcis Magna.

Neste contexto, é importante destacar que, após a primeira incursão dos Austurianos, Romanus enviou Remigius para influenciar o imperador a confiar a investigação a Romanus e a Dracontius, que receberia os embaixadores lepcitanos. Além disso, Dracontius também participou da investigação ao lado de Palladius após a terceira incursão dos Austurianos em 366 e recebeu relatórios dos embaixadores enviados após o primeiro ataque. Com base nessas informações, é plausível supor que a homenagem a Valentiniano e Valente foi uma estratégia para criar uma falsa impressão de normalidade em Lepcis Magna.

Além disso, certas características da inscrição podem ser indícios dessa manobra. Em primeiro lugar, há a referência a "divinos pela justiça e piedade", associada à dedicação aos imperadores com os epítetos de "fundadores perpétuos da felicidade romana" e "príncipes muito vitoriosos e augustos de todo o mundo". Uma análise do uso desses termos no contexto lepcitano revela que esses epítetos possuem uma semântica que transmite a existência de uma ordem social, tanto em Sabratha quanto em Lepcis Magna. Eles evocam a ideia de uma "felicidade romana perpétua" em um momento de adversidade, ao mesmo tempo em que sugerem a presença da ordem, que pode representar a paz, através da figura dos "Augustos de todo o mundo" em uma época de conflitos e perdas. Além disso, a ausência de entidades municipais na dedicação da estátua pode indicar um descontentamento e uma animosidade entre a ordem municipal e o vigário Dracontius, assim como com o conde Romanus.

---

<sup>28</sup> Julius Festus Hymetius foi proconsul da África entre 366 e 368 e vicário de Roma em 362. Antes da separação da província em 350, ele foi antigo cônsul da Campânia e do Samnium, além de prefeito urbano e corretor da Tuscia e da Úmbria. Exilado na Dalmácia por traição, foi chamado de volta após a morte de Valentiniano, quando estátuas foram erguidas em sua homenagem em Roma e Cartago (PLRE I, p. 447, Hymetius).

## **Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas de Lepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

Por fim, cabe ressaltar que não há registros de nenhum julgamento contra Dracontius por sua implicação na crise austuriana. Além disso, existe uma abundante série de constituições tratando de questões administrativas endereçadas a Dracontius por Valentiniano e Valente. Isso indicar que a manobra política do vigário foi bem sucedida e que, através de sua homenagem, conseguiu manter boas relações com a corte imperial.

### **Considerações finais**

O estudo das dedicações de Lepcis Magna, particularmente no contexto da crise austuriana e das figuras de Antoninus Dracontius e Romanus, revela complexidades significativas na administração política e na manipulação de imagens públicas durante períodos de adversidade. As inscrições dedicadas a Valentiniano e Valente, adornadas com epítetos como "divinos pela justiça e piedade" e "fundadores perpétuos da felicidade romana", demonstram uma tentativa deliberada de projetar uma imagem de ordem e estabilidade. Estas expressões não apenas evocam um sentido de "felicidade romana perpétua" em tempos de crise, mas também buscam afirmar a presença da paz e da ordem imperial, mesmo em um cenário de conflitos e perdas.

A ausência de menção explícita às entidades municipais na dedicação das estátuas sugere um descontentamento latente e uma animosidade entre o vigário Dracontius e as autoridades municipais, além de uma possível crítica à administração do conde Romanus. Este detalhe é indicativo de uma possível tensão entre as autoridades provinciais e os líderes locais, refletindo um esforço consciente para distanciar as figuras municipais das questões de crise e focar em uma imagem mais favorável junto à corte imperial.

Além disso, a falta de registros de julgamentos contra Dracontius por sua possível implicação na crise e a existência de uma série de constituições endereçadas a ele por Valentiniano e Valente indicam que a manobra política de Dracontius foi eficaz. Através dessas homenagens e de uma gestão cuidadosa das relações com a corte imperial, Dracontius conseguiu manter seu prestígio.

Em suma, a análise das inscrições e dos contextos políticos envolvidos ilustra como a propaganda e as estratégias diplomáticas locais desempenham papéis cruciais na administração e na preservação do poder durante crises. As dedicações em Lepcis Magna não apenas serviram como uma ferramenta para afirmar a lealdade e projetar uma imagem

**Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas  
de lepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

de estabilidade, mas também evidenciam as complexas dinâmicas de poder e os esforços para navegar pelas turbulências políticas e sociais da época romana.

**Fontes epigráficas**

Corpus Inscriptionum Latinarum, VIII, 14572.

Corpus Inscriptionum Latinarum, VIII, 22830.

Corpus Inscriptionum Latinarum, VIII, 7014.

Inscription of Roman Tripolitania, 472.

Inscription of Roman Tripolitania, 473.

Inscription of Roman Tripolitania, 475.

Inscription of Roman Tripolitania, 558.

Inscription of Roman Tripolitania, 57.

Inscription of Roman Tripolitania, 58.

**Prosopografia**

Prosopography of the Later Roman Empire I, p. 1118, Fl. Victorianus 2

Prosopography of the Later Roman Empire I, p. 340, Firmus 3.

Prosopography of the Later Roman Empire I, p. 447, Hymetius

Prosopography of the Later Roman Empire I, p. 659-660, Palladius 10.

Prosopography of the Later Roman Empire I, p. 763, Remigius.

Prosopography of the Later Roman Empire I, p. 768, Romanus 3.

Prosopography of the Later Roman Empire I, p. 768, Romanus 3.

Prosopography of the Later Roman Empire I, pp. 126-127, Avitianianus 2.

Prosopography of the Later Roman Empire I, pp. 347-349, Flavianus 15.

Prosopography of the Later Roman Empire I, pp. 427-428, Hesperius 2.

Prosopography of the Later Roman Empire I, pp. 598-599, Merobaudes 2.

**Fontes literárias**

**Perspectivas e Diálogos:** Revista de História Social e Práticas de Ensino

ISSN 2595-6361

vol. 7, n. 13, 2024, páginas 109-125

**Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas  
de Iepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

- Amiano Marcelino – Res Gestae, XXIII, 6.13-15.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXIII, 6.4.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXIII, 6.5.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXIII, 6.6.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXIII, 6.7.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXIII, 6.8.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXIII, 6.8-10.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXIX, 5.2-3.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXVIII, 6.16.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXVIII, 6.17.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXVIII, 6.19-20.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXVIII, 6.20.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXVIII, 6.21.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXVIII, 6.22.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXVIII, 6.26.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXVIII, 6.28.  
Amiano Marcelino – Res Gestae, XXVIII, 6.29.  
Código Teodosiano – 11.28.1.  
Código Teodosiano – 1, 15, 5.  
Código Teodosiano – 10, 1, 10.  
Código Teodosiano – 11, 1, 13.  
Código Teodosiano – 11, 1, 16.  
Código Teodosiano – 11, 1, 17.  
Código Teodosiano – 11, 30, 33.  
Código Teodosiano – 11, 7, 9.  
Código Teodosiano – 12, 6, 9.  
Código Teodosiano – 12, 7, 3.  
Código Teodosiano – 13, 6, 4.  
Código Teodosiano – 8, 4, 10.

**Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas  
de lepcis magna durante a crise austuriana**

Yuri Augusto de Oliveira

Código Teodosiano – 11, 1, 10.

Código Teodosiano – 11, 1, 11.

Zósimo – História Nova, IV, 6.3.

### **Agradecimentos**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), código de financiamento 001.

### **Referências**

FAREH, H. Maux et fléaux en Byzacène (146 av. J.-C. /698 ap. J.-C.). in: Byzacium, Byzacène, Muzaq: Occupation du sol, peuplement et modes de vie ( Actes du 6e colloque ). Sousse, 2021. pp. 397-423.

LE BOHEC. Y. Histoire de l’Afrique romaine : 146 avant J.-C. – 439 après J.-C. Paris, 2005.

LEPELLEY, C. Les cités de l’Afrique au Bas-Epire. Tome II. Paris, 1981.

ROMANELLI, P. Storia delle province romane dell’Africa. Roma, 1959.

TANTILLO, I.; Bigi, F. Leptis Magna: una città e le sue iscrizioni in epoca tardo-romana. Cassino, 2010.

### **Informações dos autores**

**Yuri Augusto de Oliveira.** Doutorando em História em regime de cotutela entre o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia e a École Doctorale d’Histoire – ED 113 da Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne. Membro do grupo de pesquisa Cultura Material, Antiguidade e Cotidiano (CMAC) e do laboratório Anthropologie et Histoire des Mondes Antiques (ANHIMA).

Contribuição de autoria: autor.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9911468461594962>

### **COMO CITAR ESTE ARTIGO**

OLIVEIRA, Yuri Augusto de. Símbolos de estabilidade: análise das evidências epigráficas de lepcis magna durante a crise austuriana. **Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino**, Caetité, vol. 7, n. 13, 2024, p. 109-125